



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **O autor e o leitor na cibercultura: as novas mídias plantam sementes de um novo estilo literário**

**Por:** Regina Aparecida Magnabosco de Souza Marques<sup>62</sup>

reginamagnabosco@hotmail.com

### **Resumo**

O advento da internet e o crescimento vertiginoso da quantidade de dispositivos móveis hiperconectados estão transformando a cultura global, envolvendo aí as relações pessoais, a produção e o consumo, da qual não se exclui a esfera artística e, nela, a literatura. Escritores estão diante de amplas possibilidades de criação e divulgação, leitores ganharam inúmeras portas abertas para explorar e interagir e, diante da velocidade da evolução tecnológica, as inovações se parecem com experimentações que nunca se concluem e o “vir a ser” da literatura na chamada cibercultura ainda é uma incógnita. A mensagem na era da mobilidade é marcada pela convergência das mídias e pela interatividade, mas o novo jeito de se fazer literatura não parece estar chegando para substituir o que já existia e sim para conviver com o modelo anterior, que aos poucos também vai se adaptando ao novo leitor.

**Palavras-chave:** Literatura; Internet; Ciberliteratura; Tecnologia.

### **Abstract**

*The advent of the internet and the rapid growth of the hyperconnected mobile devices number are modifying the global culture, involving around the personal relationships, the*

---

62 É especialista em Comunicação e Multimídia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO e Graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás – UFG. É servidora pública federal, Jornalista, lotada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFGO, na cidade de Aparecida de Goiânia/ GO.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*production and the consumption, from which is not excluded the artistic sphere and, in it, the literature. Writers are facing extensive creation and divulgation possibilities, readers got countless open doors to explore and interact and, in the face of the technological evolution speed, the innovations seem to be attempts which are never completed and the “for coming” of literature in the called cyberculture is still unknown. The message in the mobility is marked by the media convergence and the interactivity, however the new way of making literature doesn’t seem to be coming to replace what already existed, but to live with the previous model, that gradually also go adapting itself to the new reader.*

**Keywords:** Literature; Internet; Cyberliterature; Technology

## **Introdução**

As novas formas de produção e consumo de informação provocadas pelo advento da internet ocasionaram não apenas uma ampliação na divulgação e no compartilhamento de dados, mas também uma transformação na linguagem, que adquire a possibilidade de se valer de uma simbiose dos recursos de comunicação: texto, áudio, foto e vídeo. No âmbito da Literatura, registra-se o surgimento da chamada “ciberliteratura”, caracterizada por marcas da sociedade atual: mobilidade, interatividade, efemeridade e supervalorização da imagem, entre outras.

O presente artigo busca retratar como está se dando o surgimento desse novo jeito de se fazer e consumir literatura nos meios comunicacionais do mundo globalizado, considerando não apenas a literatura que se vale da internet como meio de

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

distribuição, mas principalmente a que é intrínseca ao meio das redes eletrônicas e que só existe a partir do potencial aberto por seus mecanismos tecnológicos. Para isso, foi pesquisada a exposição de novos e de consagrados escritores contemporâneos na internet, por meio de visitas a seus sites, blogs pessoais e redes de relacionamento e compartilhamento, como Facebook, Twitter e Instagram. A observação foi feita no período abrangido entre os meses de julho e setembro de 2015.

O texto do ciberespaço tem características próprias, em que se sobressaem a forma de apresentação, a interatividade e a pujança semiótica. Considerando a hiperconectividade de espaços no mundo virtual, a arte produzida fora da internet e a que é criada em seus espaços próprios interligam-se em vários momentos e o navegante é constantemente transportado ou transporta-se de uma a outra.

### **Cibercultura: um retorno, mas não um retrocesso**

Tomando de Terry Eagleton (2005) a concepção de cultura como uma derivação da natureza, somos moldados ao mesmo tempo em que moldamos a nós mesmos. Em suas palavras, “se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo. O cultural é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria existência autônoma” Eagleton (2005). Assim, na cultura remodelamo-nos constantemente como agentes e objetos das

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alterações sociais provocadas pela tecnologia, transformando nossos hábitos e padrões relativos ao trabalho, ao lazer ou às relações pessoais.

A palavra “cibernética”, cuja raiz vem do grego (kybern) com o significado de “governar”, foi cunhada pelo matemático americano Norbert Wiener (1968), que associou sua definição a comunicação e controle, envolvendo pessoas e máquinas. Vieram então as variações ciberespaço e cibercultura, em referência aos ambientes simulados onde seres humanos e máquinas interagem e ao próprio funcionamento da sociedade atual que tem a interferência da tecnologia em praticamente todas as suas esferas. Para André Lemos (2002), a contemporaneidade, ou pós-modernidade, corresponde a uma ordem econômica pós-industrialismo, em que as novas tecnologias da informação modificam a produção de bens e serviços na fase pós-industrial da sociedade de consumo. Entretanto, a sociedade contemporânea, plena de elementos novos na comunicação e nos relacionamentos entre os seres humanos e destes com a tecnologia, está, em alguns aspectos, vivendo um retorno a modos de vida de épocas anteriores, que se mostra principalmente na tribalização dos indivíduos em nichos virtuais e no reconhecimento de que não somos seres rígidos e uniformes, mas sujeitos fragmentados.

Na obra *O Tempo das Tribos*, Michel Maffesoli (1998) faz uma análise da mudança de enfoque da sociedade pós-moderna, em que o individualismo que imperou na modernidade é substituído

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pela necessidade de identificação com um grupo. De fato, a facilidade de criação de portais na internet e do acesso a eles gerou uma proliferação de espaços com base em interesses específicos, intensificando a organização das pessoas em “tribos” por afinidades ideológicas, profissionais, lúdicas e de outras ordens. A tribalização pós-moderna, entretanto, não é fechada e sim multipulverizada: cada pessoa se conecta a diversas outras gerando uma teia de relacionamentos onde podem ser exercidas as subjetividades fragmentadas e instáveis.

Para Lucia Santaella (2007), essa fragmentação é intrínseca ao ser humano e simplesmente encontrou no ciberespaço o ambiente propício para se manifestar. Santaella destaca que a figura do eu unificado, elaborada por Descartes, já vem sendo desconstruída desde a segunda metade do século XIX, com avanços de estudos da filosofia e da psicanálise segundo os quais a imagem do eu sempre foi produto de uma construção imaginária. Ela acrescenta que a identidade deixou de ser constituída no que se é e no que se faz para ser o que se aparenta, o jeito como se apresenta.

### **Ruído e ausência de reflexão**

Uma das características da era da mobilidade é o excesso de informação, que estudos de Comunicação já comprovaram funcionar como um ruído e não ser eficiente para a transmissão da mensagem. André Lemos (2002) destaca que para o filósofo Paul



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Virilio as novas tecnologias do tempo real estabelecem uma institucionalização do esquecimento, por requererem respostas imediatas e não privilegiarem a reflexão, o debate ou mesmo o exercício da memória.

A ausência de reflexão, que se relaciona com o excesso quantitativo e com a velocidade, é responsável pela superficialidade, não apenas informacional, mas também nas relações humanas. Um dos estudos mais proeminentes da atualidade sobre tais questões, em especial sobre a instabilidade, é do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), que popularizou o termo “modernidade líquida”, associando a metáfora da liquidez à sociedade atual, em que todas as coisas – empregos, relacionamentos, afetos, consumo, etc. – estão perdendo as formas definidas, a segurança e a rigidez, tendendo a seguir um fluxo volátil e mutável a partir do menor estímulo.

A modernidade líquida é tratada pelo viés da linguagem por Lucia Santaella, que trouxe o termo “linguagens líquidas”, considerando a ideia de que texto, imagem e som deslizam uns para os outros e se sobrepõem. Para Santaella, a fluidez das linguagens traz outra característica, o inacabamento, posto que não existe mais uma versão final da mensagem.

**Ciberliteratura: a rede não põe limites para a inovação, mas ainda é utilizada principalmente para divulgar o que nasce fora**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## dela

No que concerne à literatura, a internet ainda tem sido utilizada principalmente para a divulgação de obras que nasceram fora dela do que como espaço de criação, embora este modo esteja em crescimento. Argumentando a ausência de uma visão única para definir a ciberliteratura, Lucia Santaella (2012) considera que o termo pode incluir pelo menos três ramos de produção:

(a) Todos os textos literários disponíveis nas redes, cobrindo tanto a prosa quanto a poesia que aparecem em sites e blogs de escritores profissionais, em antologias digitais e em revistas literárias online.

(b) Textos literários não profissionais disponíveis na internet, cuja inclusão na análise literária expande as fronteiras da literatura tradicional. Aqui a rede funciona, antes de tudo, como um espaço independente de publicação, abraçando os sites de escritores amadores, portais de grupos de jovens autores ainda não reconhecidos. Também se incluem aqui as periferias da literatura, como a ficção fanzine, textos baseados em games e narrativas coletivas online.

(c) Literatura hipertextual e cibertextos que incluem textos literários de estrutura mais complexa, explorando várias soluções possíveis de hipertextos e intrincados cibertextos multimídia que fazem a literatura misturar-se com as artes visuais, vídeo e música. (Santaella, 2012, p.231)

As publicações literárias que nascem na grande rede virtual de computadores apresentam traços que são próprios da cibercultura e dos meios em que são produzidas. A adequação ao



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ambiente, ao tema e à situação de quem fala/escreve tem conformidade com o que Mikhail Bakhtin (1997), ao analisar a variedade e a adequação dos gêneros do discurso, abordou em questões relativas ao enunciado, que é a utilização da língua em acordo com as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Ele cita como exemplos o relato familiar, a carta, documentos oficiais, formas de exposição científica e modos literários, mas destaca que os gêneros literários são os mais propícios para refletir a individualidade do falante ou escritor. Tal individualidade tem no estilo uma de suas diretrizes em ampla gama de possibilidades.

O valor das novas tecnologias no mundo literário é reconhecido por instituições tradicionalmente importantes na área, como a Academia Brasileira de Letras, que em 2010 lançou um concurso de microcrônicas no microblog Twitter (cujas publicações têm no máximo 140 caracteres), tendo recebido mais de duas mil participações. Vencedora do segundo lugar com a microcrônica *“Joguei. Perdi outra vez! Joguei e perdi por meses, mas posso apostar: os dados é que estavam viciados. Somente eles, não eu”*, a escritora Carla Ceres também é autora do blog literário Algo além dos Livros<sup>63</sup>, em que publica poesias e prosas, estando algumas disponíveis em áudio, e inovou o espaço

---

63. <http://carlaceres.blogspot.com.br/>



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

também com videocrônicas, valendo-se de imagens disponíveis na rede, associando-as ao enredo de suas histórias. Os recursos sonoros são buscados na internet ou produzidos especificamente para a publicação. Vê-se, então, a variedade de formas de produção que se abrem aos novos escritores no mundo virtual.

O Twitter tem ainda possibilitado a alguns escritores a experimentação da produção coletiva, a partir da interação, que é uma das principais marcas na relação autor x leitor no ciberespaço. Na internet, o autor não é a figura distante que lança seu trabalho ao público depois de pronto e com quem raramente um leitor consegue conversar sobre sua obra, seu processo criativo e até sua vida pessoal. Mesmo os escritores tradicionais, que só têm trabalhos publicados em meio físico ou no virtual na forma de e-books apenas, estão interagindo com os leitores nas redes sociais. Exemplos nesse sentido são os escritores Eliane Brum, Marcelo Rubens Paiva e Miguel Sanches Neto, em cujos perfis foi observado número significativo de respostas a perguntas ou comentários de seus seguidores no período pesquisado.

As narrativas curtas e a poesia ganharam enorme poder de circulação com o advento da internet. No site de rede social Facebook e em blogs de novos escritores a literatura difundida parece ser, numa análise superficial, mera transposição da forma textual tradicional para outro suporte, mas não se trata apenas disso, pois a exposição muitas vezes possui alguma convergência

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com mídias visuais e/ou sonoras, a possibilidade de interação com o público leitor – que também interfere no trabalho do escritor – e algumas vezes a presença de hiperlinks que levam o leitor a outros ambientes. A influência do leitor no trabalho do escritor havia sido afirmada por Bakhtin (1997), ao colocar que o receptor está no horizonte do enunciador. Quando um texto literário é inserido ou produzido na rede mundial de computadores por si só já chama o receptor a colaborar com o criador.

#### **Autor, autoria coletiva e convergência de mídias**

Outra questão que se torna latente nas produções que circulam no ciberespaço é a autoria, que já era filosoficamente questionada e hoje é mais difusa. Considerando que, ao produzir sua obra, o indivíduo está condicionado aos limites da linguagem e da cultura, que absorve e transmite conceitos anteriormente produzidos por outras pessoas e que sua mensagem é assimilada com variantes por cada leitor, Michel Foucault (1969) enfatiza que a autoria não pode ser atribuída à mera organização de um discurso. No ensaio “O que é um autor?” ele afirma:

Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer. (Foucault, 1969, p.268)

O filósofo não elimina a importância da autoria, por



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se tratar de uma referência, uma importância classificatória para o discurso, mas para ele a autoria ou o que ele chama de “função-autor” existe na circulação e no funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade, o que nega a existência de um autor único. Foucault destaca, entretanto, a existência dos “fundadores de discursividades” e cita como exemplos Marx e Freud:

(...) quero dizer que eles não tornaram apenas possível um certo número de analogias, eles tornaram possível (e tanto quanto) um certo número de diferenças. Abriram o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram. (Foucault, 1969, p.281)

Na Literatura de ficção, o filósofo cita Ann Radcliffe como alguém que vai além da função-autor, porque “ela tornou possível os romances de terror do início do século XIX e, nesse caso, sua função de autor excede sua própria obra” (Foucault, 1969). Seguindo tal raciocínio sobre a autoria, podemos dizer que nas produções literárias que circulam na internet a figura do que poderíamos chamar de um fundador de discursividade é coisa rara, principalmente se tomarmos como referência não apenas o texto escrito, mas também os casos de autoria coletiva e a convergência das mídias.

Nos espaços onde a imagem impera com mais força, como em redes de compartilhamento de vídeos e fotos, cujos exemplos mais populares são respectivamente *YouTube* e *Instagram*, a literatura também aparece. O *Youtube* não tem sido explorado por

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

escritores, mas possibilita a difusão de trabalhos diferenciados com a utilização de recursos das artes visuais, da publicidade, da música e das tecnologias digitais. No Brasil, o principal representante desse tipo de produção é o poeta concretista Augusto de Campos, que estreou na literatura em 1951 e ainda hoje inova, agora na ciberpoesia, utilizando as novas ferramentas disponíveis. Já no aplicativo Instagram a literatura tem aparecido em imagens que capturam um trecho de página de livro ou um manuscrito ou ainda em fotografias do cotidiano conjugadas a um texto poético em que um depende do outro para produzir sentido. As possibilidades abertas para o escritor, como a qualquer artista, em todos os ambientes do ciberespaço são infinitas e não há limites para a criatividade com as novidades que surgem nesse encontro do homem com a máquina. O texto (ou a mensagem em qualquer outra linguagem) ao adentrar um ambiente realiza com ele uma simbiose que há tempos provoca transformações antes não imaginadas. É o que Marshall McLuhan (1969) supõe que possa ter ocorrido com a poesia a partir do surgimento da máquina datilográfica:

Até que ponto a máquina de escrever, através de seu injustificável marginador direito, contribui para o desenvolvimento do verso livre, é difícil de dizer, mas o verso livre, realmente, foi uma recuperação dos acentos falados e dramáticos da poesia – e a máquina de escrever veio incentivar exatamente essas qualidades. Sentado à máquina de escrever, o poeta, muito à maneira do músico de jazz, tem a experiência do desempenho enquanto composição. (McLuhan, 1969, p.292)

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

É pequeno o número de escritores tradicionais se aventurando nas possibilidades de criação abertas pelas novas tecnologias. Eles utilizam a internet essencialmente como um meio de difusão de suas obras criadas fora da rede mundial de computadores. O presente trabalho buscou o comparecimento<sup>64</sup> de escritores membros da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Academia Goiana de Letras (AGL) nos sites das redes Facebook, *Twitter* e *Instagram* e verificou que dos 40 membros da ABL, apenas nove têm site ou blog, 10 têm perfil no *Twitter* e 12 têm páginas no *Facebook*. A presença dos membros da Academia Goiana de Letras ocorre em tamanho similar ao da Brasileira. Dos 40 membros da AGL, oito têm site ou blog, sete têm perfil no *Twitter* e 17 têm páginas no *Facebook*. Há, no *Facebook*, as páginas geradas automaticamente a partir do interesse dos usuários da rede e que não são endossadas por nenhuma pessoa específica. Considerando tais páginas, sobe para 26 o número de membros da ABL que possuíam páginas no Facebook no período da pesquisa. Entre os goianos, havia apenas duas páginas geradas automaticamente.

Alguns dos imortais com páginas nas redes sociais não são quem as administra. É o que se percebe nos perfis de Facebook dos escritores Ana Maria Machado, Paulo Coelho e Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça, por exemplo, cujas publicações tratam

---

64. Pesquisa realizada entre os meses de julho e setembro/2015, fazendo a busca na internet pelo nome do escritor na forma como aparece no site da ABL e como foram informados por e-mail pela Secretaria da AGL.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o escritor na terceira pessoa. O mesmo ocorre com algumas postagens do goiano Gilberto Mendonça Telles.

Nelida Piñon é a única integrante da ABL em que pôde ser verificada a produção de literatura na própria rede, no caso, o Twitter. Nas características do microblog, Nélida apresenta micronarrativas como “Se a imaginação edifica enredos de amor, o corpo fatalmente sofre seus efeitos”. Porém, a última postagem de seu perfil em Português é de 2011 e a do perfil em Espanhol é de 2012.

Um aparente abandono do Twitter foi verificado também em dois perfis do escritor Ferreira Gullar, cujas últimas postagens são de 2012 e de 2013. Ao contrário do que se observa entre os “novos” escritores, o afastamento do microblog foi notado nos perfis da maioria dos imortais, mesmo em se tratando de divulgações não literárias, considerando as postagens em número reduzido e as datas de meses ou anos atrás.

Entre os goianos, é mais comum o uso do Facebook, cuja utilização mostrou dar-se tanto na postagem de links que levam a blogs e sites que divulgam trabalhos do escritor como no uso dessa rede como suporte para a postagem de textos literários, em especial poesias, que se misturam às publicações pessoais da página, comprovando as teorias de que no mundo virtual os ambientes laborais, pessoais e lúdicos se misturam. É o caso de Getúlio Targino Lima, Brasigóis Felício e Gilberto Mendonça Telles.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O mais ativo imortal nas redes sociais é Paulo Coelho, que possui sites, páginas e perfis em vários idiomas. O escritor (ou sua assessoria) interage com o público leitor respondendo a perguntas e comentários, mas, por outro lado, não produz a literatura de internet, utilizando as redes sociais apenas para divulgação de suas agendas, viagens e livros.

**A literatura da internet não substitui o que já existe e que está buscando se adaptar ao novo leitor**

Apesar da existência de prognósticos apontando para o desaparecimento das mídias impressas, como o livro ou o jornal, a história mostra que uma nova formação cultural no âmbito da informação não leva a anterior ao desaparecimento. As mídias convivem ou ocorrem mudanças de suporte em parte delas no decorrer do tempo.

A internet depende da escrita, ao passo que o inverso não é verdadeiro. Assim, todas as formas de cultura, desde a cultura oral até a cibercultura hoje coexistem, convivem e sincronizam-se na constituição de uma trama cultural hipercomplexa e híbrida. (Santaella, 2007, p.128)

O livro não é substituído, mas está cada vez em maior número adaptando-se à plataforma digital em e-books. E essa não é uma iniciativa do autor, mas principalmente do mercado editorial, que obedece a uma exigência da pós-modernidade, onde também o consumo é modificado pelas novas tecnologias.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Pesquisa<sup>65</sup> divulgada em julho de 2015 pela União Internacional de Telecomunicação (UIT) informa que um internauta gasta, em média, 2 horas e 25 minutos por dia em plataformas sociais como Facebook, Twitter e WhatsApp, em função das facilidades de acesso à internet por meio dos smartphones. De acordo com matéria jornalística que informou o resultado da pesquisa, a UIT estimou que 1 bilhão de aparelhos sem fio estariam conectados à internet ao fim de 2015, um aumento de 60% em comparação a 2014, e que até 2020 a estimativa é que 25 bilhões de aparelhos estejam na rede.

As grandes editoras vão onde os leitores estão e não apenas divulgam seus produtos em perfis próprios criados em todos os sites de redes sociais, como também criam estratégias em que os leitores/consumidores tornam-se seus colaboradores gratuitos: as editoras realizam, por exemplo, sorteios de livros em que os candidatos ao “presente” compartilham postagens entre seus amigos e seguidores, disseminando a publicidade que se traveste de opinião pessoal favorável. O mercado de e-books, que ainda é tímido no Brasil, tem crescido bastante para contemplar o leitor conectado. Para se ter uma idéia, a venda de e-books no País subiu de 235.315 para 889.146 entre os anos 2012 e 2013<sup>66</sup>.

---

65. Informação obtida no artigo “Internautas gastam 10% do seu dia conectados”, publicado no site Observatório da Imprensa em 21/07/2015, reproduzindo publicação do jornal O Estado de São Paulo de 18/07/2015. Link para o texto: <http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/internautas-gastam-10-do-seu-dia-conectados/>. Acesso em 27/07/2015.

66. Dados da pesquisa “Produção e Venda do Setor Editorial”, feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) por encomenda da Câmara

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Conclusão

Seria muito precipitado afirmar que esteja surgindo um novo gênero ou subgênero literário na internet, mas certamente podemos dizer que estão plantadas as sementes de um novo estilo, uma maneira peculiar de expressão. Ainda não se sabe o porte ou a forma do que pode vir a ser esse embrião, que não chega para suplantar quaisquer outras maneiras de produção literária, mas que traz as características de um novo período histórico.

É no manejo das técnicas e da criatividade em diferentes linguagens que está o principal recurso de criação dos ciberescritores. Ao pensarmos na amplitude da qualidade no resultado final, o artista que conseguir subverter o imperativo da velocidade quando ela for inibidora da reflexão e apoderar-se dela enquanto oportunidade para reimaginações, sobressair-se-á na era da mobilidade.

Este é o momento de repensarmos a escritura para além dos caracteres textuais, sem cairmos no pavor ou na ingenuidade de prognosticar a morte da produção nas formas sólidas da tipografia e da celulose. As reações da arte literária diante da

---

Brasileira do Livro e do Sindicato Nacional de Editores, divulgada em matéria publicada no site do jornal O Estado de São Paulo em 22/07/2014, com o título “Faturamento com venda de e-book cresce 225% no Brasil, mas mercado editorial continua em crise”, disponível no link <http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/faturamento-com-venda-de-e-book-cresce-225-no-brasil-mas-mercado-editorial-continua-em-crise/>. Acesso em 27/07/2015.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

interferência das novas mídias sobre escritores e leitores estão apenas começando.

### Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal** . São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida** . Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura** . São Paulo: UNESP, 2005.
- FOUCAULT, M. “O que é um autor?” *In Estética: literatura e pintura, música e cinema* . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p.280-286.
- LEMONS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea** . Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem** . São Paulo: Editora Cultrix, 1969.
- SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade** . São Paulo: Editora Paulus, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Para compreender a ciberliteratura” *In Portal de Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina*, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p229/23637> . Acesso em 04 de agosto de 2015.
- WIENER, N. **Cibernética e Sociedade: o uso humano dos seres humanos** . São Paulo: Editora Cultrix, 1968.